

Maia Ferreira:

entre Brasil, Portugal e África

Maria Aparecida Ribeiro

U. Coimbra / CLP

O problema

Tendo nascido em Angola, à época parte do império português, e vivido no Brasil, quando se iniciava o nosso Segundo Romantismo, como se comporta a poesia de Maia Ferreira, em *Espontaneidades da Minha Alma*, seu único livro publicado, com relação à sua terra?

Angola

Já na dedicatória de seu livro, o poeta refere a terra como adusta. E, quando a descreve, é quase sempre pela negativa. Coloca ele como epígrafe no poema “A minha terra”, que escreve para o álbum do poeta português João d’Aboim, versos em francês da sua própria autoria, que chama hino (FERREIRA, 1984: 12)¹. Pedindo a Angola que os aceite, oferece o poema a quem, segundo ele, tão bem soube cantar a ridente natureza do belo Portugal (no caso João d’Aboim, que publicou na *Lísia Poética*, o poema “Portugal”²).

¹ “Recevez donc mon hymne, ó mon pays natal, / Et offrez le de bon coeur à qui sut / bien chanter / La riante nature du beau Portugal” (FERREIRA, 1849: 12). Embora consultada a edição de *Espontaneidades da Minha Alma* organizada por Francisco Topa, as páginas citadas corresponderão sempre às da edição original do livro de Maia Ferreira, aí incluído em fac-símile.

² Na realidade, não é bem a Natureza de Portugal que Aboim louva. A referência a esta dá-se num único momento: “Benfadou-te a Natureza, / Oh terra de Portugal! / Ninguém te excede em beleza, / Na Europa não tens rival” (ABOIM, 1849: IV, 1). Na realidade, o que ele refere são as glórias passadas e a esperança de um futuro: “Minha Pátria, não morreste / Tu dormes pra descansar; / Essa luz que ao mundo deste / Há-de de novo brilhar / As nações têm noite e dia, / O mesmo sol te alumia, / Tens de um Deus a simpatia/ Que por esmero te fez; / De tuas passadas glórias / Conta-me o Douro as memórias / Conta-me o

Cabe aqui um parêntesis para dizer que Maia Ferreira, ao dedicar seu livro às senhoras africanas, tem algo em comum com Aboim: este consagra o primeiro volume de suas *Poesias — O Livro da Minha Alma* — às senhoras brasileiras³. O volume do português tem carta de Gonçalves Dias, poeta do primeiro Romantismo brasileiro, respondendo a Aboim a opinião que este lhe pediu sobre o volume. (Diga-se que o poeta brasileiro foi colega tanto de Maia Ferreira como de Aboim, nas páginas de *Lísia Poética*, publicada no Rio de Janeiro entre 1847-1849, por José Ferreira Monteiro). Tinha essa publicação o objetivo de difundir os poetas portugueses no Brasil, pois, como diz Ferreira Monteiro:

É n'estes ultimos annos que os talentos juvenis tem surgido em Portugal de uma maneira espantosa. Com tudo, as suas producções são pouco conhecidas; porque a maior parte d'elles publicam-as nos jornaes litterarios, e estes jornaes quasi nunca chegam ao dominio do publico do Rio de Janeiro, porque ordinariamente morrem à nascença, ou se passam do terceiro numero é já um milagre. Não pertencemos ao número dos depreciadores das cousas alheias, mas não podemos deixar de concordar que o jornalismo literário, é, de todas as formas escriptas, aquella que menos medra n'aquelle paiz. [...] Houve fraqueza imperdoavel n'esta indifferença: os homens de talento deviam saber collocar-se no seu logar, e expulsar os vendilhões do templo. Cumpria-lhes incessantemente affastar os insolentes, que queriam usurpar para si o sceptro, que só pertence á intelligencia, e á illustração litteraria. [...] E' por isto que os escriptores portuguezes modernos são pouco conhecidos no Rio de Janeiro. Foi para preencher esta lacuna, que resolvemos dar ao publico um jornal de poesia todos os domingos. E' uma escolha selecta de todas as poesias que os poetas portuguezes modernos tem publicado em varios jornaes litterarios portuguezes, que pela sua ephemera duração não tem chegado ao domínio do publico do Rio de Janeiro; por isso parece-nos poder tambem affiançar que todas as poesias reproduzidas no nosso jornal são novas para ele. (MONTEIRO, 1849: I, 10-11)

Além de Aboim e de Maia Ferreira, a *Lísia* abrigou, entre outros, poemas de João de Lemos, Garrett, Herculano, Luís Augusto Palmeirim, Antonio

Sado vitórias / do meu solo Português” (ABOIM, 1849: IV, 1). Martim Moniz, Gama, D. João II, a batalha do Salado são algumas das figuras e momentos recordados.

³ Diz ele, ao enviar o livro a Gonçalves Dias, que decidiu oferecer o volume “às senhoras brasileiras, como verás na Introdução” (ABOIM, 1849: s.n.). No entanto, parece confundir o Brasil com o Rio de Janeiro, e a baía de Guanabara com um rio ou com algum acidente geográfico do gênero masculino, pois diz nessa Introdução, que é em versos: “Belas filhas gentis do Guanabara, / Recebei os meus últimos suspiros; bondosas escutai meus versos tristes” (ABOIM, 1849: 4).

Pereira da Costa Jubim (a quem o poeta angolano dedicou poemas no seu *Es-pontaneidades*). Muitos desses textos são assinalados pelo nacionalismo, que marcou o período romântico. Só no primeiro volume da *Lísia* (Ferreira Monteiro publicou quatro) encontramos: “Minha pátria”, de J. Álvaro de Lara e Sousa; “Quem me dera o meu paiz”, de Augusto de Sant’Anna Vasconcelos; “A saudade da pátria”, de António J. F. Ferreira; “Um adeus à minha pátria”, de António Pereira da Costa Jubim. Podem-se também mencionar alguns textos em que esse nacionalismo foi traduzido pela exaltação da paisagem portuguesa. Entre eles, o segundo do terceiro volume da *Lísia*: “Lua de Londres”. Assinado por João de Lemos Seixas Castello-Branco, ele não só é marcado pela saudade, outro tópico romântico, como também afirma a superioridade da Natureza em Portugal. Chamam a atenção, nesse mesmo volume, pela semelhança com o poema de Aboim citado na nota 2 do presente trabalho, os versos de “A minha pátria”, de Francisco José Pereira Palha, que cruzam paisagem e glórias passadas, exortando Portugal a erguer-se.

Talvez em função de todas essas exaltações, no poema “A minha terra”, Maia Ferreira declare que sua Angola “não tem os cristais / dessas fontes do só Portugal”, que nela não há salgueirais, nem brota o jasmim, que não tem rosas, nem prados matizados de flores; que nela não canta o rouxinol nem nela a primavera é tão brilhante; que não tem brisa lasciva, incessante, nem frutos por Deus ofertados, qual mimoso torrão português, nem rios cantados por bardos, nem feitos de glória de que se possa orgulhar e cantar ao mundo. Nessa comparação, a paisagem de Angola é sempre inferior: são areais, “montes de barro escarpados”, raios de sol a queimar e palmeiras onde o soba descansa “sequioso de aragem” (Cf. FERREIRA, 1849: 12 e 13). Também fica em condição de inferioridade se comparada à paisagem carioca: a Guanabara é “Mais mimosa, mais bela e mais rica” que “o ouro de Ouangara” (FERREIRA, 1849: 16).

Pode-se ver, no poema de Maia Ferreira, uma espécie de interlocução com a “Canção do Exílio”, escrita pelo brasileiro Gonçalves Dias em Coimbra, no ano de 1843, e publicada nos *Primeiros Cantos*, que datam de 1846. O texto de Dias, cujo caráter nacionalista é disfarçado em saudade, usa como epígrafe versos da balada “Mignon”⁴ de Goethe, de cariz evasioneiro:

⁴ São estes os versos do romântico alemão, usados por Gonçalves Dias como epígrafe: “*Kennst du das Land, wo die Citronen blühen, / Im dunkeln die Gold-Orangen glühen, /*

[...] ao estabelecer o confronto lá / cá, no qual a natureza brasileira é assinalada pelas palmeiras e pelo sabiá, ela dá continuidade à palavra dos cronistas e viajantes e à própria ideia de fertilidade contida na poesia anterior, mas acaba por contrariar a proclamada ideia de superioridade europeia veiculada por estes mesmos textos, ao apagar o tópico ‘civilização’, o que coloca o Brasil em posição de vantagem (RIBEIRO, 1994:103)

Nesse mesmo “A minha terra” – e ainda pintando uma imagem negativa – diz Maia Ferreira que Angola “Não tem vates por Deus inspirados”, porque “a sorte negou-lhos”. E declara que, caso houvesse poetas, como Camões, eles cantariam os feitos de “um Afonso Guterres, um Gonçalves, um Nuno Tristão / Que primeiros levaram à pátria / Os cativos do ardente torrão”. Curiosos exemplos vai buscar! Logo o de Nuno Tristão, de quem Gomes Eanes de Zurara diz ter sido o primeiro fidalgo a ver terra de negros, e que, enviado pelo Infante D. Henrique para explorar a costa ocidental africana a sul do Cabo Branco, comprou escravos na Mauritània!

No entanto, nos poemas finais do livro – “A minha viagem” e “A minha terra! (no momento de avistá-la após uma viagem)” – Ferreira parece mudar de ideia: no primeiro texto, Angola é sentida como pátria, apesar de toda a ausência de riquezas: ele diz sentir saudades de Angola, “minha pátria”, pois, como declara: “Deu-me o berço, e nela vi primeiro / A luz do sol embora ardente e forte.” e ali passou “seus dias d’infância”, quando “apenas / Ao mundo despertado, vi e ouvia / Por sobre os lábios meus roçarem beijos / Beijos de puro amor , nascidos d’alma / D’alma de Mãe mui carinhosa e bela!”. Além disso, completa, “Foi ali que por voz suave e santa/ Ouvi e cri em Deus!” (FERREIRA, 1849: 17)

Curiosamente, mais uma vez, na poesia de Maia Ferreira encontram-se referências a João d’Aboim. O poeta português, falando com a lua, em “Uma noite na Tijuca” (ABOIM, 1849: I, 151-167), que oferece a Manuel de Araújo Porto-Alegre, diz: “Da Tijuca sobre o cume miro triste o brilho teu” e vai comparando o que vê a partir desse local com terras de Portugal e dizendo de sua saudade da terra onde nasceu. O angolano replica: “Minha pátria por quem sinto saudades / Saudades tantas que o peito ralam, / E com tão viva força qual

Kennt du es wohl? – Dahin, dahin! / Möcht ich... ziehn” (DIAS, 1959: 103). Na tradução de Manuel Bandeira: Conheces o país onde florescem as laranjeiras? / Ardem na escura fronde os frutos de ouro... / Conhece-lo? / Para lá, / para lá, / quisera eu ir! (BANDEIRA, 1958: II).

sentiste, / Quando no cume da Tijuca altiva / Meditando escreveste em versos
tristes, / Versos que tanto amei, e que amo ainda, / As saudades dos lares teus
mimosos!” (FERREIRA, 1849: 17)

É também certamente a João d’Aboim que Maia Ferreira se compara ao
dedicar seu texto a um poeta, cujo nome não menciona. Escrevendo, em 1849,
no Rio de Janeiro, diz ele: “E tu Poeta bem fadado, / Que na gentil Guanabara,
/ À tua pátria tão cara / Tantos cantos tens cantado / também recebe o meu
canto / De amargor e de pranto / Sem belezas, sem encanto, / Por minh’alma a
ti votado!” (FERREIRA, 1849: 18)

No segundo texto aqui mencionado – “A minha terra” (no momento de
avistá-la depois de uma viagem) (FERREIRA, 1849: 101-2), dedicado ao compatriota
Joaquim Luís Bastos –, o sentimento de pertença volta a surgir, sem
as restrições acusadas pelo “não tem” do primeiro “A minha terra” (FERREIRA,
1849: 12-19), inscrito no álbum de João d’Aboim. Maia Ferreira diz
que, “mesmo simples”, Angola tem fulgores; refere sua “beleza, que é singela,
e sem fereza”. E, embora reconhecendo que ela é “pobre”, afirma-a “tão formosa
/ Em alcantis primorosa / quando brilha radiosa”, concluindo: “No
mundo não tem igual!” (FERREIRA, 1849: 102)

3. As gentes

Vejamos agora o tratamento dado por Maia Ferreira aos nativos de Angola.
Ainda no poema “À minha Terra”, o homem africano, pouco aparece, mas é
valente guerreiro que abate a pantera. E a mulher africana, se não tem faces de
neve é rápida, airosa e fiel. Curiosamente a comparação com a Europa volta a
ser feita. Mas com respeito à figura feminina, há mais, como se verá.

Se o poeta dedica seu livro às senhoras africanas, desenvolve a dedicatória
com olhos nos moldes europeus. Diz-se afastado da “musa mantuana” e, curiosamente,
sem citar nomes, porque era figura conhecida na época, afirma que
contentar-se-ia que lhe bastassem os louros do “Cisne do Mondego e do
Lima”, revelando que conheceu a fama de Amélia Janny, poetisa de Coimbra.
Embora louve as africanas, sempre o faz em comparação com as outras, as
brancas, que frequentemente o traíram, mas não lhes louva a beleza: em seus
poemas, bela é a mulher branca. Se não, vejamos: se no poema “A minha
terra”, quando faz inúmeras comparações entre Angola, Portugal e Brasil, colocando
a terra africana sempre em situação inferior, a mulher negra surge em

vantagem sobre a branca: Diz ele que sua terra “Não tem Virgens com faces de neve”, mas

Tem donzellas de planta mui breve
Mui airosas, de peito fiel,
Seu amor é qual fonte de prata
Onde mira quem nela s’espelha
A doçura da pomba qu’exalta
A altivez, que a da féra simelha.

Suas galas não são afetadas,
Coração todo amor lhe palpita,
Suas juras não são refalsadas,
No perjúrio a vingança crepita.

Sabe amar! [...] (FERREIRA, 1849: 13-14)

No entanto, a mulher africana “não tem a cultura / Desses labios de mago florir; / Em seu rosto se pinta a tristura / Os seus olhos tem meigo lusir” (FERREIRA, 1849: 14). Repare-se que a mulher branca aparece como mais atraente, mais bela: dela são os lábios de mago florir; dela a cultura. A africana é apenas airosa e doce, mas principalmente, fiel.

“Faces de jasmim” e “corpo gentil”, candura nos lábios, “nos olhos meiguice e amor” tem a mulher branca, que era “linda como a primavera da flor”, “pura”, “ingénua”, “um anjo” com que sonha o poeta (FERREIRA, 1849: 44-45). Mas repare-se: essa mulher linda, que não trai, é em sonho que aparece ao poeta. Em “Uma recordação” (FERREIRA, 1849: 33-35), por exemplo, a mulher branca trai.

Também são brancas a criancinha, “alva pombinha”, e sua mãe, a “outra pomba que a acarinha” do poema “A uma menina” (FERREIRA, 1849: 46-49).

Em “O seu retrato!” (FERREIRA, 1849: 52-54), o rosto da mulher “exprime a doçura / Do lírio no despontar,” e, certamente, ela tem olhos claros pois “quais estrelas / Tem mais fulgor do que elas / No firmamento a brilhar”, sendo seus lábios “de rubra cor”, “do mais belo carmin”. E, se alguma dúvida houvesse de que a mulher celebrada é branca, o poeta esclarece: “O teu níveo seio – é belo, / E da mais alta brancura [...] Teus cabelos da côr do oiro / São do mundo o meu tesoiro – / Quando soltas a brilhar”.

Em “Improviso” (FERREIRA, 1849: 62-63), outra vez a mulher é branca, como o denunciavam os versos:

Vi uns olhos garços – bellos,
Bellos como o Creador,
Da vida meigos flagelos,
Do scismar doces anhélos,
Por quem sinto nobre ardor.

Vi um nariz delicado
Com esmerado primôr,
Tão pequeno e afilado,
Que parecia formado
Por pincel d’habil pintor.

Vi uma bôca mimosa
Com labios de rubra côr
Purp’ra e bella como a rosa,
E que dizia dolosa
Meigos – brandos sons de amôr.

Um seio níveo arfando

Pode ser apenas por uma questão de rima, mas também em “A uma jovem” (FERREIRA, 1849: 74-75) a mulher é branca, ou, então, o uso da expressão “alva pombinha” não passa do emprego de um clichê.

Os homens importantes

Além dos poetas a quem dedica composições ou com quem mantém um diálogo e estabelece interlocução, Maia Ferreira escreve alguns poemas que se poderiam chamar áulicos. Elogiam figuras do Brasil, de Portugal e de Angola, tendo por objeto Adrião Acácio da Silveira Pinto, D. Maria II de Portugal, D. Fernando II, também de Portugal e D. Pedro II do Brasil.

Maia Ferreira, embora dedique seu livro “às senhoras africanas”, também o consagra ao governador de Angola, Adrião Acácio da Silveira Pinto. Em “Dedicação” (FERREIRA, 1849: 9- 11), Acácio surge “qual pai bondoso” que vai em socorro de um filho, “sem medo à morte / no rigor de um clima”, “melhorando os fados / da rica terra d’África a seu mando!”; “tem os olhos fitos no interesse da pátria” (no caso Portugal), mas, “presta / Melhoramentos na província morta / Pelo mundo olvidada”.

Não contente com os dizeres dessa dedicatória, Maia Ferreira irá louvar novamente o representante de Portugal no “Hino” (FERREIRA, 1849: 119-121):

Nobre Accacio eis um hymno de gloria
Em noss'alma do imo a vibrar,
Em noss'alma, qu' é tua d'ha muito,
Porque nella sempre has de reinar!

Gloria a ti que nos reges bondoso
Nestes plainos do ardente torrão,
Onde a esp'rança já morta renasce,
Arvorando o seu nobre pendão!

Lá ouvimos do Douro famado
O teu nome tão alto a soar
Os teus feitos não mentem – só dizem
Que o teu brilho nunca hade murchar. (FERREIRA, 1849:119-121)

Se no poema a Adrião Acácio Maia Ferreira repete a ideia de “ardente torrão”, no que dedica a D. Maria da Glória, filha de D. Pedro IV de Portugal e I do Brasil, aquando da segunda vez em que reinou – isto é, depois de retomar o trono de que havia sido deposta por D. Miguel –, volta à imagem: África agora é terra “miseranda” e ele, como sempre, um poeta sem valor. Diz assim:

Se eu fôra o Bardo – esse cantor de Thebas,
Com voz canora a lyra eu só tangêra –
D'África embora em terra miseranda
Dôces hymnos de gloria eu só fizera!

E se ás nuvens roçar não posso a aza
Tão branca – branca desse Vate ingente,
Do peito um canto rebentado n'alma
Vibrar eu quero á quem á lusa gente,
O nome de – RAINHA – *é grato ao peito!* (FERREIRA, 1849: 129)

Já Pedro II do Brasil, é ainda príncipe quando Maia Ferreira dedica a seu aniversário um poema. Nele, mais uma vez o angolano coloca-se humildemente, desejando agora ser um outro poeta; não mais grego, mas português: “Oh! quão d'alma eu quizera o laúde / D'esse Bardo que o mundo extasiou, /

Nesses cantos que junto ao Mondego / Inspirado na lyra vibrou, / [...] / Qu'em nós fulgurou" (FERREIRA, 1849: 116). Por isso, acaba por dizer:

Gelou-se-me a lyra –
As cordas quebraram –
E os sons que ficaram
Em accento qu'inspira
Repetem expirando...
Só Carta e Monarcha –
Ao Príncipe amor!... (FERREIRA, 1849: 117)

5. Considerações finais

Tendo convivido com o 1.º e o 2.º Romantismo brasileiros, era natural que a poesia de Maia Ferreira viesse impregnada de nacionalismo, mas não; é verdade que, depois de muito dizer o que Angola não tem, acaba por concluir que é sua Pátria. Por outro lado, dividido entre o que acha pobre (ou cuja imagem lhe impuseram) e o que acha rico e belo, conclui que sua terra natal “também é bem portuguesa”.

Seria ainda natural – já que na 1.ª fase do Romantismo brasileiro Maia Ferreira ainda era criança – que o poeta absorvesse as tendências ultrarromânticas do 2.º. Mas, ao que parece, a melancolia não lhe marca os textos (a não ser que consideremos como tal o registro das traições que sofreu).

Quanto ao aulicismo... Esse, comum entre os árcades, muito se prolongou por todos os tempos, e em todas as artes.

Referências bibliográficas

- ABOIM, João d' (1849a). *O Livro da Minha Alma*. In: *Poesias de João de Aboim*. Vol. I. Rio de Janeiro: Tip. de M. G. S. Rego.
- ABOIM, João d' (1849b). “Portugal” In: MONTEIRO, José Ferreira (org.). *Lisia Poética ou Colleção de Poesias Modernas de Autores Portugueses*. Tomo IV. Rio de Janeiro: Tip. Clássica de Fortunato António de Almeida.
- BANDEIRA, Manuel (1958). *Poesia e Prosa*. Vol. II. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar.
- CASTELLO-BRANCO, João de Lemos Seixas Castello-Branco (1848). “Lua de Londres”. In: MONTEIRO, José Ferreira (org.). *Lisia Poética ou Colleção de Poesias Modernas de Autores Portugueses*. Tomo III. Rio de Janeiro: Tip. Clássica de Monteiro Ferreira.

- DIAS, Gonçalves (1959). *Poesia Completa e Prosa Escolhida*. Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar.
- FERREIRA, José da Silva Maia (1849). *Esportaneidades da Minha Alma*. Reprodução fac-similada da edição de Luanda. Introd. e org. Francisco Topa. Porto: Sombra pela Cintura.
- MONTEIRO, José Ferreira (org.) (1848). *Lisia Poética ou Collecção de Poesias Modernas de Autores Portugueses*. Tomo I Rio de Janeiro: Tip. Commercial.
- MONTEIRO, José Ferreira (org.) (1849). *Lisia Poética ou Collecção de Poesias Modernas de Autores Portugueses*. Tomo IV. Rio de Janeiro: Tip. Clássica de Fortunato António de Almeida.
- PALHA, Francisco José Pereira (1848). “A minha pátria”. In: MONTEIRO, José Ferreira (org.). *Lisia Poética ou Collecção de Poesias Modernas de Autores Portugueses*. Tomo III. Rio de Janeiro: Tip. Commercial.
- RIBEIRO, Maria Aparecida (1994). *Literatura Brasileira*. Lisboa: Universidade Aberta.